

VILAR, Márcio da Cunha. 'Para o lado de cá do espelho: morte, sentimento e pessoa através de um retrato de uma cigana brasileira'. *RBSE – Revista Brasileira de Sociologia da Emoção*, 11 (31): 126-163, Abril de 2012. ISSN 1676-8965.

ARTIGO

<http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>

Para o lado de cá do espelho Morte, sentimento e pessoa através de um retrato de uma cigana brasileira*

Márcio da Cunha Vilar

Resumo: O presente texto esboça um retrato de uma cigana possível. A partir de suas narrativas a respeito de sua história de vida e, em particular, da vivência de uma perda, busca-se traçar uma aproximação com um sujeito específico sem deixar de buscar situar esse sujeito como parte do universo sociocultural em que se encontra imerso. Com isso, procura-se também exprimir certos enclaves desse universo e algumas de suas tensões-chaves a partir do esforço em conformar uma “*biografia pessoal*”. Para tal, este retrato é composto a partir de um rearranjo e contextualização das palavras e sentenças que a personagem se utiliza para exprimir suas lembranças, projetando uma reflexão sobre si mesma, ao mesmo tempo em que atualiza sua auto-imagem. Esta auto-imagem, por sua vez, permanece indissociável das lembranças e sentimentos que

* O presente texto foi escrito no âmbito de uma pesquisa de doutorado, em andamento na Universidade de Leipzig e sob orientação do Prof. Bernhard Streck, que tem como tema principal morte e luto entre ciganos no Nordeste do Brasil. Todos os nomes citados, tanto de pessoa quanto de lugar, são fictícios. Gostaria de agradecer, em especial, ao Prof. Mauro Guilherme Pinheiro Koury e ao meu caro colega Martin Fotta pela leitura crítica do presente texto e respectivos comentários e sugestões, assim como também à Mônica Schpun e Marc Bordigoni.

a vinculam a seu pai, já morto - haja vista que a morte de seu pai, seus sentimentos e esforço em lidar com essa perda, sejam centrais em seu trabalho de autoconstrução. Em todo caso, é apenas por referência adequada a ele que se torna possível para ela definir-se enquanto pessoa, e pessoa cigana. Isso não ocorre sem fricções e ambiguidades emergidas em meio a suas relações com pessoas e instituições pertencentes a mundos que, enredados uns nos outros, por vezes se contrapõem, no anseio de preservarem suas próprias fronteiras. **Palavras-chave:** cigana brasileira, perda/morte, emoção, pessoa

Recebido em: 29.07.2011
Aprovado em: 12.12.2011

Era por volta das nove horas da noite quando, há dois anos, deparei-me com Nina na recepção de um hotel barato no Centro de uma cidade comercial. Era início de maio e nos encontrávamos no meio do alto Sertão baiano. Logo ao chegar, não a tinha reparado, tendo visto nela tão somente uma *brasileira* como tantas outras¹. Vi, tão somente, que se entretinha com a recepcionista ao pé do balcão, pouco antes de arregalar seus olhos em minha direção, enquanto eu observava um mapa da cidade pendurado numa das paredes daquele pequeno saguão. Surpreendida, explica-se, “*Desculpe, mas é que nunca vi ninguém se interessar assim por um mapa*”. Explico-me também. Digo que sou de fora e que estou aprendendo a andar pela cidade. “*A propósito*”, comento com ambas pouco depois, “*vi alguns ciganos na cidade, parece ter muitos por aqui, não?*”. Foi, então, que Nina disse, “*Ei, eu sou Cigana!!!*”.

Estava na região há quase duas semanas visitando periodicamente um acampamento cigano na periferia. Os membros da família em torno do qual esse acampamento gira (como na regra, organizados predominantemente de modo patrilinear) eram amigos próximos de minha família cigana

¹ Praticamente em qualquer parte do mundo, os ciganos possuem certos termos para denominar outras pessoas não-ciganas. No Brasil, além das palavras “*juron/jurin*” (respectivamente, no masculino e no plural), “*burnon/burnin*” e/ou “*gajon/gajin*”, também é comum os ciganos utilizarem “*brasileiro/brasileira*”, entre outros termos possíveis.

arranchada no litoral, a ponto de se considerarem “*primos*”, mesmo não possuindo laços de parentesco. Além disso, vêm a si mesmos como “*mateiros*”, distinguindo-se assim dos por ele chamados de “*caatingueiros*”, como denominam ciganos outros das imediações². Nina, porém, nem era dali, nem conhecia os ciganos da região. Tampouco usava um longo vestido colorido, como boa parte das ciganas em todo o país costuma trajar e que, comumente, as caracterizam como tais tanto entre ciganos como também frente a olhos *gajons*. *Mineira*, encontrava-se ali de passagem a *fazer negócios*.

Com a recepcionista, procurava se informar aonde poderia comprar água já que, após ter concluído mais um dia de suas andanças pelo Centro e proximidades, esqueceu-se de trazer uma garrafa para o hotel. A recepcionista informou-lhe que ela poderia comprar água “*ali mesmo na esquina*”. Contudo, tinha

² A propósito das classificações ciganas internas, os ciganos Calon utilizam-se de termos não-ciganos, ou “*gajons*” para se referirem uns aos outros. No mais das vezes, esses termos correspondem tanto a divisões político-espaciais entre os Estados do país (“*cigano/a pernambucano/a*”, “*gaúcho/a*”, “*capixaba*”, “*goiano/a*” e etc.) como a descrições geográfico-regionais (“*cigano/a praieiro/a*”, “*caatingueiro/a*”, “*mateiro/a*”, e etc.). Apesar das designações terem como referência principal o espaço habitado e de circulação, as redes específicas de “*troca total*” (Mauss, das quais as famílias e/ou indivíduos ciganos tomam parte, e que sustentam e são sustentadas por meio da prática comum de costumes específicos que, ao mesmo tempo, desenvolvem diferenças em relação a outras redes ciganas de troca, não coincidem nem se restringem necessariamente ao perímetro expresso nessa terminologia. Ademais, existem também algumas categorias mais gerais e de cunho mais etnicizante, como “*ciganos/as tacheiros/as*” ou “*turcos/as*”. Estes, no entanto, compreendem grupos bastante diversos de ciganos que, em princípio, têm chegado ao Brasil desde meados dos séculos XIX com as últimas grandes ondas migratórias, sobretudo oriundas do Leste Europeu. Entre outras características, estes se distinguem dos ciganos Calon por meio das diferenças de “*fala/língua*” (também chamado de “*chibi*”), como também, por exemplo, pela prática do “*preço da noiva*”, em contraste com a freqüente (mas, de modo algum predominante) prática do “*dote*”, entre ciganos Calon.

medo de ir “*muito longe*”, replicou, “*naquela hora da noite*”. E hesitava. Mesmo assim, saiu e, em poucos instantes, retornou, porém, sem a água, pois não havia encontrado o estabelecimento indicado. Seu cuidado lembrou-me de várias ciganas que conheço pessoalmente e que, às vezes, à noite, pensam duas vezes antes de sair de perto de suas *kêls* (casas, tendas, barracas... moradias). Por coincidência, havia trazido da rua uma garrafa d’água e a ofereci para Nina, que a aceitou. Durante as horas seguintes, Nina falou bastante a respeito de si e de outros familiares seus; em particular, de seu (falecido) pai, de seu filho mais velho e de sua irmã, que são “*ciganos mesmo*”.

Rapidamente, naquele momento, por meio de uma simpatia recíproca emergente combinada com o reconhecimento de uma perda comum, e com isso, de uma demarcação de uma *communitas*³ (Turner, 2008), nossa interação tomou a forma de um espaço de confiança e compreensão, o que contribuiu para amenizar um pouco as assimetrias entre narradora e pesquisador, como também para facilitar o trabalho de lembrar e reconstituir suas memórias enquanto recordações. Como havia me dito que gostava de falar de si mesma, lhe contei que escrevia um livro a respeito de ciganos no Brasil, e que seria importante para mim conhecer sua história. Perguntei-lhe, então, se não poderia gravar sua narrativa para o trabalho que realizo. Empolgada, concordou e, na noite seguinte, naquele mesmo saguão, conversamos outra vez por mais de quatro horas seguidas, fora outros encontros mais breves, durante o resto da semana.

O texto que segue é, nesse sentido, com base neste material, um *portrait* de uma cigana possível, embora não necessariamente convencional⁴. Isto é, de uma maneira possível de ser cigana e

³ Durante nossa conversa revelei que, há anos atrás, também havia perdido meu pai.

⁴ Principalmente, se comparada às ciganas pertencentes aos dois universos onde concentrei meu trabalho etnográfico de campo, na Bahia e no Rio Grande do Norte. Com isso, também é importante ressaltar que o material etnográfico, organizado e exposto neste artigo de modo um tanto crú, é a base para a produção de uma digressão comparativa que, por sua vez, é parte de um trabalho maior sobre

viver as vantagens e vicissitudes dessa existência no que ela tem de particular. O objetivo é traçar uma aproximação com um sujeito específico (Gay y Blasco, 2010) a partir de suas narrativas, mas sem deixar de buscar situar esse sujeito, a partir do que é dito, como parte do universo sócio-cultural em que ele se encontra imerso (Bosi, 1999; Duarte, 1998; Koury, 2005). Com isso, procura-se também, ainda que periféricamente, esboçar traços desse universo social e algumas de suas tensões-chaves a partir do esforço em conformar uma “*biografia pessoal*”. Isto, tanto por parte de Nina enquanto sujeito em busca do constituir-se como “*pessoa*”, quanto de mim enquanto interlocutor e pesquisador a interpretar e endereçar significados para terceiros. Para tal, este retrato é composto a partir de um rearranjo e contextualização das palavras e sentenças que Nina se utiliza para expremir suas lembranças, projetando uma reflexão sobre si mesma, ao mesmo tempo em que atualiza sua auto-imagem. Isto é realizado, de maneira geral, segundo uma linha mais cronológica que, porém, é oportunamente revesada com uma orientação mais temática que se sustenta por algumas frases ou parágrafos, antes de retornar ao tempo linear. Esse movimento oscilatório esboça uma história de vidas.

Poder-se-á ver que a auto-imagem de Nina permanece, não obstante, indissociável das lembranças e sentimentos que a vinculam a seu pai, já morto; haja vista que uma base temática das conversas foi a morte de seu pai, seus sentimentos e esforço em lidar com essa perda. Em todo caso, é apenas por referência a ele que se torna possível para ela definir-se enquanto pessoa, e pessoa cigana. Isso não ocorre sem fricções e ambiguidades emergidas em meio a suas relações com pessoas e instituições pertencentes a mundos que, enredados uns nos outros, por vezes se contrapõem, no anseio de preservarem suas próprias fronteiras (Gay y Blasco 2005; Okely 2003; Streck, 2003).

morte, sentimento e organização social entre ciganos Calon nos lugares acima citados.

I. Ciclos, de ruptura e continuidade; transsubstanciações

Nina – ou Lucia -, 35 anos, há dezoito casada, vem da região central de Minas Gerais, assim como “*toda a [sua] família*”, no ceio da qual também é chamada de Eleonora. Trabalha como cabeleireira em seu próprio salão de beleza estabelecido, há poucos anos atrás, no pequeno município de Fronteira, entre Minas e Bahia. Filha de pai cigano, afirma que não há qualquer problema com relação a ser conhecida como cigana. Pelo contrário, diz, suas clientes sabem que ela é cigana. Certa vez, uma delas, que já havia feito o cabelo com todas as demais cabeleireiras do salão, disse-lhe que foi com ela que ficou mais satisfeita e lhe perguntou “*o que é que era?*”. Nina lhe explicou, então, que ela era “*de origem cigana*”. Foi quando sua cliente lhe revelou, “*eu também sou Cigana, eu também sou Calin!*”, contando-lhe, logo em seguida, a respeito de uma emboscada empreendida por outros ciganos para atacarem seu filho, que, porém, conseguiu escapar, antes de continuarem a conversa procurando obter notícias de possíveis conhecidos em comum...

Se não há problemas com suas clientes no salão, em geral, também parece não haver problemas em seus outros negócios, como, por exemplo, quando trabalha como representante autônoma de uma distribuidora de cosméticos de Fronteira, viajando pelos Sertões com ajuda de seu marido, um caminhoneiro não-cigano. Apesar de existir certo “*preconceito*”, explica, uma vez que

“as pessoas acham que, quando elas falam com você as pessoas te olham de forma diferente (...)”, lembra-se de seu pai e o introduz acrescentando, “só que meu pai nunca teve esse problema. Meu pai nunca teve. Meu pai entra, sai de qualquer lugar, você não dava nada por ele, nada. Meu pai tá dentro de um lugar assim, dentro de uma agência de carro, sai num carro velho e eles não davam nada pra ele (...)”.

A sua invisibilidade sobrepõe a *força* de seu pai chamando atenção para sua valentia (brabo, protetor) e seu ethos festeiro, para seu olhar amedrotante ao lado de seu charme sedutor.

Aparentemente de forma espontânea, Nina já havia começado a compartilhar suas lembranças de seu pai.

Enquanto isso, sensibilizado principalmente pela leitura de Williams (2003) e Tauber (2006, 2008) a respeito, respectivamente, do lidar os mortos e do trabalho de luto entre ciganos Manouche no Massivo Central francês e ciganos Sinti do norte da Itália, esforço-me para prestar atenção e procurar notar eventuais formas de *respeito* que ela poderia vir a demonstrar no decorrer de sua narrativa. Essas formas de respeito – muito semelhantes entre ciganos Manus, Sinti e Calon – consistem, basicamente, nos modos através dos quais ela consegue evocar, no presente e perante os vivos, a memória de seu pai morto sem deixar de assegurar sua integridade, mantendo, com isso, o respeito próprio. Pois, de outro modo, só o silêncio dos vivos com relação a seus próprios mortos na esfera pública pode manter este devidamente protegido das intempéries da vida.

* * *

O pai de Nina possuía um açougue e criava vários animais, além de ter sido policial por algum tempo. Lidava principalmente com gado e cavalo, mas não se limitava a essa atividade. Em busca de negócios, “*viajava muito*” e “*era louco por ouro*”, chegando a ter sido proprietário de uma terra de garimpo. “*Nossa, ele não ficava quieto, não!*”, lembra Nina, com seu sotaque meio mineiro, por vezes baiano, meio cigano. Nunca deixou de *negociar* - o que, como ela explica, fazia “*parte de sua origem*” tanto quanto o fato dele ser “*analfabeto de pai e mãe*”, sem nunca ter entrado numa escola, “*nem pra reunião*”. À propósito da origem de seu pai, relata que “*ele perdeu pai e mãe cedo, foi criado por mãe dos outros*”. Que outros? Pergunto. “*Outras pessoas. Ele não tinha mãe certa. (...) Ele amamentava numa índia. Índia dava de mamar a ele, cigana amamentava ele. Sabe, elas se juntavam pra dar isso pra ele*”.

Ao perguntar se ele costumava dizer algo ou contar histórias sobre seu pai ou seu avô, Nina diz que seu pai “*falava, falava muito sobre a família dele. Ele falava que minha vó era sepultada, que minha mãe*

era sepultada, que ele levou e butou, mas ele nunca mostrou o túmulo dela pra gente. Nós não sabemos não onde é que nossa mãe foi sepultada. Ele não gostava de falar, ele chorava quando via a foto dela”. Essa distância através do não falar – ou melhor, de uma suposta incomunicabilidade por meio do silêncio - é descrita como um hiato, parte do cotidiano, do jeito costumeiro de ser de seu pai. O que não necessariamente implica que seu não-falar nada diz, nada comunica.

“Se você hoje conhecesse meu pai, ele não tem nada de nós, não. Meu pai, ele gostava de ficar sozinho. Ele não gostava de ficar no meio de pessoas, ele gostava mais de ficar lá... Ele não falava muito da vida do cigano. Ele não falava deles. Ele falava que ele era cigano. (...) Meu pai não falava. Meu pai, ele não falava. De forma nenhuma ele falava”.

Atravessada por uma lembrança, Nina a exprime:

“Meu pai mais a minha mãe se amavam muito, muito. Minha mãe, quando ela ficou sabendo que ela ia falecer, quando ela teve aquela premonição que ela ia falecer, ela se despediu de nós três, porque ela deixou três filhas meninas. E ela foi pro hospital sabendo que ela não ia voltar. E [à caminho do hospital] tinha um lugar muito bonito, indo pra I., passava perto de A. Nessa época, A. era... era grama verde, do jeito que ele dá parece que ele (...), que era uma grama verde e tinha umas flores amarelas, uma coisa mais linda. Aí, a minha mãe, já mesmo pra morrer, ela falou comedida pro meu pai assim, ‘Mervaldo... [breve pausa], pára o carro aqui!’. Aí, ele falou, ‘Marilda, você tá muito mau, vamo direto pro hospital’, [ela insiste,] ‘Não! Pára o carro aqui porque eu não vou voltar do hospital’. [E, então, repete seu pedido de outro modo:] Ela falou, ‘filha, pára o carro aí’. Aí, tudo bem, o meu pai parou o carro naquela grama linda; diz ele que só tava o verde e o vento, sabe? Ele falou, ‘Cê sabe que eu te amo muito, não sabe?’. Ela lhe disse, ‘sei, filha, que você me ama muito’, [e completou, em seguida, com seu último desejo:], ‘Olha, (...) eu quero te pedir uma coisa, que é a nossa despedida, é o que eu quero levar comigo, é a nossa despedida’. Aí, eles tiveram a intimidade deles na grama, eles tiveram ali na grama, foi a despedida dela”.

Após a morte de sua mãe, seu pai passou a criar Nina e suas duas outras irmãs, praticamente, sozinho.

“Quando a gente perdeu minha mãe, devido a ter ficado as três filhas, meu pai não *deu nós* pra ninguém, ninguém. E juntou assim aquela... aquele tumulto na mente do meu pai: viúvo, com três filhas, e com dificuldade financeira porque *tudo, tudo o que ele tinha feito tinha gastado no velório de minha mãe*. Aí, um dia ele não güentou a pressão, meu pai vendia galinha pra trocar por causa da gente (...). Aí, meu pai parou num lugar pra botar fogo no carro com nós três dentro; aí ele ía botar fogo no carro, com nós três dentro, e depois ele ía se matar. Um cara foi e não deixou. Pra não vê nós sofrer. E ele não quis dar nós pra minha vó, que é mãe da minha mãe, da minha mãe legítima. Ele não quis dar porque os dois brigava. Minha vó tinha um punhal, minha vó tinha um punhal, porque minha vó era muito braba (...) e esse punhal na ponta dele era envenenado, eu lembro. Esse punhal, eu lembro, era envenenado com veneno de escorpião. Eu lembro até hoje. Ele era preto, a ponta dele, e o punhal era de prata. (...) E era assim, ela brigava com meu pai e fica assim, um com o punhal o outro com o revólver. Os dois brigava assim... Meu pai gostava de quem enfrentava ele. Meu pai gostava”.

Em todo caso, o pai de Nina superou aquela situação de desespero e, em seguida, passou a assumir várias tarefas que, à princípio, caberiam a sua mãe.

“Quando meu ciclo veio a primeira vez, eu contei pro meu pai. Eu cheguei pra ele, sentei no colo dele e falei, ‘Ih, papai, ó, agora vai ter mais gastos...’. Eu sempre chegava e contava pra ele, sabe? Ele falava ‘ih, é a filhinha do papai’. Então, foi me explicando as coisas da vida, o que é que podia acontecer comigo. A partir do meu primeiro ciclo, ele que foi contando os dias, sabe?”.

Seu pai sempre se preocupou com a observação dessa higiene, como relata Nina, mesmo após ela passar a ter uma madrasta.

“Ele ensinava pra mim, no caso, os cuidados que teria que ter, a intimidade da gente, ele que passava isso pra gente, nunca foi a madrasta, foi sempre ele. (...) E o meu pai participava tanto da

minha vida que a minha primeira regra quando veio contei pro meu pai. Tudo era ele quem sabia... Eu morria de ciúme do meu pai, morria de ciúme”. Com relação aos trajés das filhas, “meu pai gostava de vestir a gente com roupa colorida, todas três igual”.

Ele dizia porquê? Pergunto. “*Por ser cigano*”. E o que ele falava sobre ser cigano? “*Ele amava ser cigano. Meu pai, ele amava ser cigano*”.

Freqüentemente, a madrasta é retratada por Nina como alguém repressivo de quem ela tem de se proteger, mas que, contudo, é alguém com quem ela tem de dividir o mesmo teto. Um evento ilustra essa tensão. Até os dias de hoje, Nina possui o hábito de vez ou outra, chupar seu dedo, tal como quando ainda era criança.

“A minha madrasta, quando minha mãe faleceu que eles se encontraram [seu pai e sua madrasta], minha madrasta passou tiririca de galinha, cérebro de galinha, né? passou no meu dedo todinho, pra eu não chupar o meu dedo - covardia, né, rapaz? Aí, meu pai chegou e viu aquilo, meu pai chegou e fez ela lavar o meu dedo! Aí, eu botei na boca e chupei. (...)”.

Chupar o dedo é uma das poucas recordações que possuí de sua mãe, falecida prematuramente durante sua infância, e significa para ela um gesto de aproximação e mesmo de auto-identificação exercido por *mimesis*. “*Você tá me vendo, tá vendo a foto de minha mãe. Eu não tenho uma falba aqui na sobrançelha? Tipo um corte aqui assim? Minha mãe tem igualzinho... Igual, igual, igual, igual! Sem tirar nem pôr. Minha mãe chupava dedo, e eu chupo o meu dedo até hoje, e minha mãe chupava dedo*”. É o seu pai que lhe assegura esse vínculo materno mediante sua proteção frente a madrasta com quem ela tem de conviver no dia-a-dia.

Em suas viagens, o pai de Nina levava suas três filhas juntas. “*Levava eu, porque eu perdia prova, perdia aula, tomava bomba na escola pra ficar com ele*”. Sua atenção com relação à higiene de suas filhas também abrangia os hábitos alimentares.

“Eu tinha vergonha de botar comida de meu próprio punho na mesa. Ele era dono de açougue, mas nós só comia um bife cada um, só um bife, por causa da rigidez que ele nos criava. Pai, ele

tinha uma tala de couro de boi, umbigo de boi, tudo curtido na parede, se nós não obedecesse, nós apanhava com aquilo, apanhava com tala de boi”.

Várias das histórias, recordadas com certo humor por Nina, ajudam a ilustrar a “*rigidez*” de seu pai na criação dela e de suas irmãs. Em uma delas,

“meu pai fez a minha irmã montar num boi, há há há, fez ela montar num boi. Fez a mana montar num boi. Ela caiu... (...) [Ela] tinha 12 anos. Ela montou... Era um daqueles burro manso, tinha que montar, ela montava, porque era mais fácil enfrentar o burro do que enfrentar ele. É mais fácil enfrentar um boi brabo do que enfrentar ele. ‘Que nós tinha muito medo dele. Nós tinha muito medo...’”.

Na época da escola, *“ele não gostava do horário de noite (...). Ele não deixava nossa irmã ir pra educação física, porque cigano tem muito ciúme das filha mulber, e meu pai tinha um ciúme forte que era doentio”*.

Nina nunca se esquece da primeira e última vez em que levou um tapa de seu pai, também *“por ciúme”*, quando tinha 14 anos.

“Teve uma vez – ‘que meu pai me bateu uma vez só -, minha madrastra pediu que eu fosse chamar o rapaz que trabalhava com a gente pra almoçar. E aí, eu fui lá fora chamar pra almoçar. Só que, aí, quando eu fui no barzinho pra chamar pra almoçar, eu quis esticar um pouquinho (...) lá pela rua, pelo mercado [pra] ver o movimento (...). Quando eu vejo, lá vem meu pai, reconheci o carro pelo farol.... Aí, ele chegou até a mim, ‘e por quê que você correu?’, eu disse, ‘não, o senhor vai me bater mesmo, vai me bater no meio da rua...’. É, rapaz... Mas, ele me deu uma tapa que estacou na cara... (...) Quando foi à noite, foi assim um clima mal... (...) [Nina cobra de seu pai e este se reconcilia com ela:] ‘Pode vir cuidar do meu ouvido, meu ouvido tá doendo, o senhor me bateu no meu rosto, pode vir...’. Eu lembro que eu deitei no colo dele, eu deitei no colo dele e ele passou a noite inteira cortando meu ouvido... Foi a última vez que ele me bateu, *depois, nunca mais, nunca mais...* (...) Mas, ele já quis me bater depois de eu casada. Ele mandou descer meu menino pra me bater. Sabe que é que fiz de despeita pra ele? (...) Nada! É que ele brigou comigo à toa. Ele é muito brigão”.

Ainda em outra ocasião, “meu pai me ensinou a dirigir forçado, sem eu querer”...

Normalmente, quando

“dava seis horas da tarde, meu pai mandava trancar os portão. Sabe como era os portão? Dessa altura aqui de grade, mandava trancar e passar cadeado com corrente. Se você quiser conversar com nós, tinha de ser lá do outro lado do portão. E [mesmo assim], a gente não arrumava um jeito pra namorar!? (...) Até às seis a gente podia conversá com você com os portões abertos, depois das seis mandava fechar. Ficava assim de rapaz e menina pra conversar com nós... Parece que quanto mais preso, era mais cobçado, né?”.

Pela vizinhança “*tinha cigano demais, a gente pegava muito cigano. Era da tropa de Seu João*”, com quem seu pai costuma passar muito tempo e festejava junto. À noite, nos fins de semana, Nina e suas irmãs íam se divertir em uma discoteca. Porém, sempre acompanhada de dois capangas enviados por seu pai: Seu Náder e o irmão deste.

“Aí, ele [Seu Náder] ficava sempre assim observando, sabe? A gente ía pra danceteria dançar, meu pai botava ele pra ir com a gente. (...) Nós dançava era... discoteca, na época tinha muita discoteca...”. Contudo, Nina e suas irmãs tinham seus próprios meios de se livrar da marcação de ambos os capangas para poderem paquerar. “(...) A gente *dava um balé* nele, que era pra ele não ver... Então, a gente era terrível, não parava uma empregada com a gente...”.

Por outro lado, além de toda rigidez das observâncias e de seu carinho, seu pai também lhes dava presentes e procurava fazer suas vontades. Naqueles tempos de sua adolescência, a situação financeira de seu pai estava boa devido a uma “*terra de garimpo*” que ele possuía, além dos negócios com animais. “*Ó, nós tínhamos um cavalo, ele comprou três cavalo, Tringer, Rango e o outro eu não lembro... O meu era o Tringer*”. Era um pra cada filha?

“Era um pra cada filha. Pai era porreta. O meu era um amarelão, grandão, até pra subir nele tinha que ter escada. Ele era muito grande pra mim, muito grande, que eu tenho as perninha curta...”

(...) Aí, só que, quando eu terminei de almoçar, eu fui andar à cavalo, intoxiquei, aí meu pai quis porque quis sacrificar o cavalo, disse que o cavalo teve culpa”.

Recorda-se que

“(...) toda festa de aniversário ele dava uma jóia. Minha irmã ele deu uma jóia antiga, com o nome, de ouro. Eu, ele me deu um anel, foi até roubado, um anel de ouro branco, ametista. Minha irmã mais nova ele deu um anelzinho de brilhante. Então, eu nunca vi... ele só gostava de ouro...”. Seu pai tinha quatro cordões de ouro. Em um deles trazia um crucifixo com o rosto de Cristo.

“Os olhos eram de brilhante e tinha um brilhantzinho na boca. Tudo de meu pai era exagerado, tudo o que ele tinha... E aí, meu pai pegou e me deu no meu aniversário um cordão daqueles, com aquela caricatura, com os olhos de brilhante e... tinha três brilhantes, cada caricatura tinha três brilhantes, fora o cordão que era de ouro”.

Aos 16 anos, idade com a qual veio a - não sem maiores entretempos - conhecer seu futuro marido, Nina dividia seu cordão de ouro com suas duas outras irmãs. Como havia explicado,

“(...) uma ficava segurando a barra uma da outra. Vamos supor, às vezes, ela tava a fim de paquerar com você. Que é que ela fazia? As duas que não tavam paquerando naquela noite fazia ponte pra vocês dois. Era uma pela outra. Pois nós tinha que dá balé no nosso pai e nos capanga, pra minha irmã ficar com o rapaz. (...) Aí, meu marido, pegou, né?, mandou uma colega minha apresentar eu pra ele. Só que aí a colega que ele mandou não foi com minha cara, era antipática, metida, e apresentou minha irmã mais velha”.

Por isso, Priscila, a irmã mais velha de Nina foi ao encontro dos dois no seu lugar. Ao descobrir a farsa que a intermediária havia montado, Nina foi até o local.

“Quando eu cheguei lá, a minha irmã tava beijando com Roberto, que é meu esposo hoje, ele piscou pra mim... Menino, dando beijo nela e piscando pra mim! Eu não fiquei boa não, fiquei com uma raiva dele... Fiquei dizendo, ‘esse cara é

descarado, ele não vale nada! E me dá esse cordão aqui que esse cordão é meu!'. Ele tava com minha irmã e piscou pra mim! Não vale nada, não é? Aí, eu rodei a baiana! Eu falei que ele não valia nada, que ele tava com minha irmã e que ele tava me cantando... Ele falou assim, 'Mas você sabe que eu tô a fim de você!'. Aí, eu lhe disse, 'Mas, eu não tô a fim de você, não, meu amigo! Tô a fim não!', falava pra ele, sabe? 'Eu não tô a fim de você!', 'Mas, eu gosto de você!', 'Você vai querer casar comigo, eu não quero casar cedo, eu tô correndo de casamento!''.

Por esse motivo que, quando se conheceram, Nina *“tinha uma raiva tão grande” de seu marido e “não suportava ver ele! (...) Eu tinha uma raiva dele, uma raiva muito grande, eu acho que era fazer coisa de amor mesmo, eu não sei...”*.

De um modo ou de outro, após Roberto ter paquerado com a irmã mais velha, ele e Nina terminaram se entendendo e começaram a se encontrar até que, após dois meses namorando escondido, o pai de Nina descobriu a relação.

“(...) Eu carregava uma fotinha do meu noivo dentro do meu caderno e, à noite, eu colocava debaixo do colchão da minha cama, que eu ía fazer a oração e fazia pra ele. E aí, um dia... porque assim meu pai sempre averiguava o nosso quarto, sempre dava uma faxina no nosso quarto, porque ele tinha uma mania de falar que nós deixava a roupa suja, que tava suja, então ele é quem cuidava de nós. Aí, ele foi dar essa faxina, achou a foto do meu esposo, debaixo do colchão da minha cama. Então, pegou e mandou me chamar, lá em casa, lá na escola. Mandou me chamar lá. Quando eu cheguei ele tava com uma vara desse tamanho assim, e falou comigo assim, 'Eu vou esperar de você..., de você falar comigo'. Eu falei, 'o que é que é pai?'. Ele falou, 'Não..., uma foto de um rapazinho que eu vi debaixo de sua cama...'. Aí, eu corri e fui falar pra Roberto. Eu disse, 'Vixe, Beto, que o véio descobriu!', 'Descobriu o quê?', 'Ele descobriu que a gente tá namorando escondido!'. Aí, eu falei, 'você vai lá conversar com ele'. Meu esposo foi lá conversar com ele... Meu pai pegou um machado - pegou um machado! – e botou um revólver em cima da mesa. Aí, pegou o machado e ficou batendo com o machado assim, ó, no chão, sabe? E eu olhando assim... [e imita que estava expiando por uma brecha] Porque, assim, meu pai, quando ele ía conversar, pedir pra

namorar, meu pai não deixava a gente ficar perto, não. O pai mandava a gente sair - em pleno ano 2000, né? -, meu pai mandava a gente sair. Meu pai pegava e, e mandava sempre a gente sair pra eles conversarem, né? Ah, quando eu peguei, fiquei olhando meu pai, de esquina, assim, fiquei vendo meu pai conversando com ele. Ele fechou a cara, e meu marido ficou branco igual a leite. Dava medo encarar ele, sabe? Aí, ele falou assim, 'Qual o seu interesse na minha filha?'. E meu marido gaguejava, menino... Pense que ele gaguejava! [risos] Como ele gaguejava, viu, como... (...) E eu pensava, como meu pai vai me bater, e eu com 16 anos... Aí eu tava lá, né. Então, eu pensei, se pai mandar eu me casar com 16, eu não caso! Ô, menino, o povo... 'Aqui em casa é assim: namora, noiva e casa em 6 meses! Você tem condições?', [disparou seu pai]. Meu marido: "Tem!". [Mas] meu marido não tinha condições nenhuma, não! Mal tinha um copo pra tomar água! Meu marido tava no primeiro emprego dele! Aí, eu falei assim, 'Êpa, pai, não dá pra casar, não!'. Aí, ele falou, 'Cala a boca e passa pra dentro!'. Eu, ó, passei... (...) Ele deu seis meses pra mim e pro meu esposo, [para] se conhecer, namorar e casar! Seis meses!

... E tivemos de casar, meu pai fez o nosso casamento com um ano de namoro. Meu pai que mobiliou minha casa todinha, eu tava com 16 anos quando casei. Aí, eu participava de desfiles, meu pai adorava todos os meus desfiles, todos. Ele que me ensinava a desfilar, ele que me comprava minhas roupas, ele que me levava pro salão, tudo ele fazia pra mim. (...) Então, no meu casamento, só foi churrasco e bebida. Teve bolo não. No meu casamento, teve bolo não, mas foram três dias de festa".

Veio muita gente? Pergunto. "*Veeeeiiiio! O caminhão da Coca-Cola descarregou lá. Foi sexta, sábado e domingo, meu casamento*". E teu marido? "*Ele já sabia, né? Que meu pai era festeiro, (...) bebia muito, ele dava cavalo-de-pau no carro...*".

Além de beber muito, Nina relata várias situações em que seu pai, "*brigão*", se viu envolvido em confusões. "*Meu pai tinha a mania de dar tiro, meu pai gostava de atirar; uma mania que ele tinha que eu não gostava: Eu não gostava que ele ficava com a arma na mão...*". Do tempo de sua infância, Nina recorda "*um fato impressionante que aconteceu uma vez com meu pai*".

“Um cara colocou duas balas envenenadas no revólver. Uma pra meu pai e outra pro irmão dele. O cara queria matar o próprio irmão e meu pai”. Por causa de

“rixa de briga entre eles, rixa de briga. Aí, ía matar ele e o próprio irmão, só que esse cara não era cigano não, era gajinho. Aí, que é que aconteceu? (...) Meu pai tava no açougue, meu pai nessa época tinha um açougue, ele chegou na frente do meu pai e falou assim: ‘você é brabo, mas você vai morrer agora!’. E, nisso, minha mãe gritou lá de dentro, minha mãe gritou lá dos fundos, né, minha madrasta, que ele tava armado e queria matar meu pai”.

Nina conta que eles estavam a uma distância à queima roupa um do outro quando seu pai, apesar de todo seu peso, conseguiu pular sobre a moto derrubando o gajon que estava armado com um revólver e uma faca. Enquanto o batia por cima, o gajon dizia que seu pai não sabe brigar. Se seu pai se descuidasse, o gajon o acertava com um tiro. Mas, é ele quem consegue lhe tirar a faca, ao mesmo tempo em que bloqueia a outra mão que segura o revólver. Durante o episódio, Nina permanece dando gritos. Além dela, Jack, o cachorro que eles possuíam,

“ficou louco lá no fundo do quintal, louco. E meu pai tinha falado que não ía mais comprar máquina, revólver, essas coisas... Meu pai tinha falado que não ía mais mexer com isso. No que ele invadiu meu pai, meu pai tava brigando por baixo, então, eu falei, ‘Meu pai, coloca ele por baixo que aí eu coloco areia no olho dele!’, que aí meu pai saía. Só que não tinha como: se meu pai se virasse ele apertava o gatilho. Aí, eu tirei a idéia de soltar o cachorro. Quando eu fui lá nos fundo soltar o cachorro, o cachorro veio direto nesse cara que tava por cima do meu pai e tirou, ficou mordendo ele. Ele saiu correndo, meu pai saiu correndo atrás, que era pra matar esse cara. O cachorro salvou meu pai. Aí, ele foi e acabou saindo sem matar meu pai...”.

Noutra ocasião, na época em que Nina e Roberto ainda estavam noivos, seu pai chega a ser levado para a delegacia.

“(…) Chegou um cara e me cantou. Esse cara me pediu uma água, e falou pra mim o que é que eu tava fazendo. Bonita daquele jeito, eu tava. O cara pegou e falou comigo que era pra

ir embora, que ele ía me dar uma vida melhor. (...) Aí, meu marido ouviu isso, que era meio doido na época, e veio em cima desse cara. (...) Só que, aí, meu marido nunca foi de briga e o cara era bandido. Quando eu vi que ele ía matar Roberto, eu cheguei na frente, e meu pai viu. Meu pai já foi chegando com o carro, saindo, tirando o revólver, mas pularam em cima dele, ele caiu, e depois pegaram, pegaram meu pai... pegaram meu pai e levaram, prenderam meu pai (...). Quando meu pai chegou lá no departamento - só que eles não queriam deixar meu pai preso, não... -, aí, mandaram me chamar. Como eu era de menor, eu não podia ir na delegacia. Aí, o cara pegou e perguntou: 'Quem começou?'. Aí, eu falei, 'é o cara!'. Eu falei que o cara tinha me chamado pra fugir, sabe? Aí, o cara pegou, foi lá e me pediu desculpa, sabe? Então, foi muitas encrenca por causa do meu pai, muuuuuta...".

Em todo o caso, não houve confusão com seu pai durante sua festa de casamento. Mas, Nina ainda se lembra de outra discussão em que seu pai se envolveu. Dessa vez, na cidade para onde ela e seu marido haviam se mudado cerca de 10 anos depois de casarem e onde, desde há poucos anos, voltaram a residir.

"Um cara bebeu muito e invocou com ele, e arrumou um pessoal pra tirar ele da cidade e botou dentro do carro. E foi na hora que meu pai tava bebendo. Pra tirar meu pai da cidade. (...) E aí, chegou e chamou meu pai. Ele falou pro meu pai assim: 'Eu vou dar pro senhor 15 minutos pro senhor sair daqui direto agora. Aqui não cabe o senhor, não!'. Meu pai virou pra ele assim, meu pai tinha uma mãozinha de doze tiros, assim... o cara ía na torra da mão. Aí, falou assim, 'você e mais quantos que vão botar a mão em mim?'. Ele tinha o costume de falar assim... como é que era mesmo...? 'pessoa igual àquela lá...', não... assim: 'Homem igual a você é igual a rato de camundongo!'. Ele falava que era igual a rato de camundongo. Ele metia medo. Meu pai metia medo".

Sua presença e seu olhar são retratados por Nina como imponentes:

"Por onde ele chegava, eu não sei o que é que ele tinha, ele passava respeito, as pessoas ficam reprimidas de chegar perto

dele, tinham medo, receio de chegar perto dele. O pai, ele intimidava você só em você olhar dentro dos olhos dele ele te intimidava. De que forma, eu não sei. Era a forma dele, era o jeito dele de intimidar as pessoas, sabe? Ele guardava dentro dele. Ele era uma das polícia mais braba de V”.

E revela, “*Sabe onde é que você via meu pai se regenerar, sabe quando é que você via meu pai de cabisbaixa? Só nas oração dele*”.

Na memória de Nina, os atritos nos quais seu pai se via envolvido se davam, principalmente, com não-ciganos, os quais talvez costumava não respeitar, em contraste com sua postura perante os ciganos dos quais era amigo. “*Meu pai se dava bem demais com cigano. Quando ele via uma tropa de cigano, aí, ele ia lá e levava cachaça, levava carne, eles começavam a assar*”. Apesar de não residir em um acampamento cigano,

“(…) todo lugar que eles [, os ciganos,] tavam, meu pai tava com eles. (...) Mas, sempre assim, com capanga pra tomar conta de nós três. (...) Meu pai era louco por festa, sempre queria festejar alguma coisa. Pra ele, não precisava de aniversário. (...) Meu pai fazia churrasco em plena segunda-feira. Às vezes, ele saía pra trabalhar, quando ele voltava começava... Minha irmã, Priscila, tem o mesmo espírito. (...) Meu pai, ele era festeiro, muito festeiro. O hobby de meu pai era festa, sabe? Não tinha outra coisa a não ser festa (...). Meu pai gostava de homem bravo, sabe? E, tipo assim, ele se identificava muito com meu marido. Por mais que meu marido fosse assim humilde, ele gostava do meu marido, ele se identificava com ele, (...) o respeitava muito! Íx, pra [Nina] dar um beijo no meu marido, meu filho, era uma vez na vida e outra na morte. Eu não conseguia... Pra dar um beijo nele, meu, íxx, nossa... Pra você ter uma noção, no dia que eu casei, na noite de núpcias *eu dei amnésia*. (...) Eu perguntei pro meu marido o que é que eu tava fazendo ali, que meu pai ia me matar. O dia que eu engravidei e que eu ganhei neném eu *fiquei com vergonha do meu pai*. É incrível, né?”.

Respeito, em todo caso, não é algo que se possa desvincular de medo, vergonhas e tabus, como também não, e sem necessárias ambiguidades, de amor e troca de afetos e carinhos. É *sentimento*. E é, principalmente, com seu pai que Nina pode contar nos

momentos difíceis. É dele que se tem medo e é também dele que se tem e espera amor e proteção.

Após tornar-se mãe pela primeira vez, Nina estava se recuperando em casa quando seu pai era quem costumava lhe visitar, enquanto suas irmãs e seu irmão, filho de seu pai com sua madrasta, começavam gradativamente a se distanciarem dela.

“Ele ia no hospital me visitar, visitar o nenê. Ele era o único que ia, minhas irmãs não iam, meus irmãos não iam... (...) Só ele que queria me ver, só ele. (...) Quando eu engravidei do meu filho, quando eu fiquei de resguardo, ele chegou pra mim e falou assim, ‘filha, cê sabe, que durante 40 dias vocês não podem ter intimidade nenhuma que senão você engravida de novo’. Ele ficava ensinando. Ele quem me ensinava.(...) É que eu não tinha mãe. E a madrasta não se preocupava em falar isso, né? Ele que se preocupava. (...) Quando eu mesmo fiquei de resguardo porque minha cirurgia abriu, ele tava perto de mim. E aí, eu com vergonha, né? Dele me ver porque a cirurgia abriu muito. Aí, eu fiquei com vergonha dele me ver nua na frente dele, eu fiquei meia... Ele veio e disse assim: ‘Não, deixa eu ver isso aí!’. Aí, depois que ele viu, ‘Não, não é nada, leva ela pro hospital, leva, leva agora pro hospital!’ ”.

Com 25 anos, pouco antes de engravidar de seu segundo filho, Nina converteu-se juntamente com seu marido e várias outras pessoas, numa espécie de cerimônia coletiva. “*Foi mais por impulso a meu marido, foi mais por impulso a ele. Ele tava me pressionando muito pra ir pra igreja evangélica; me pressionando muito. (...) Quando eu me converti – faz dez anos que me converti... Foi numa cidade chamada T. Foi gostoso... A cidade... tem uma força maior...*”. O que mudou depois disso? Pergunto-lhe. “*Em muitas coisas em vida. É, tipo assim, com a minha vida espiritual, sabe? Eu melhorei muito, era muito mimada. Quem me mudou foi Deus, né? Eu me, eu me... eu me regenerei em muitas coisas, mas eu nunca fui de beber, eu nunca fui de fumar; muitas coisas*”.

Até então, Nina havia sido católica, como seu pai que “*(...) era devoto de Nossa Senhora. Muito devoto dela*” e costumava rezar em casa, nunca indo à Igreja. Perante a conversão de Nina, seu pai “*(...) reagiu numa boa, ele reagiu numa boa. Quem não gostou foi minha madrasta, mas ele reagiu numa boa. (...) Por ela ser católica, ela não aceitava, não. (...) Meu pai ficou tranquilo, tranquilo*”. Desde então,

sente-se bem, mas nem sempre está tudo tão em paz. *“Eu gosto de ser evangélica. (...) Me faz bem, me aproxima quando falo com Deus, sabe? Eu gosto. Eu olho assim... Hoje eu tô meio assim [sinaliza que não anda muito bem]... porque não tenho mais orado de madrugada. Eu gosto por aqui queria ser perto de Deus, a gente sente mais assim...”*. Não obstante, apesar do acolhimento, existem certos desentendimentos entre Nina e sua nova Igreja. Entre outros, porque *“(...) Eles falam que descendente de cigano não é de Deus”*. Como assim? Pergunto. *“Porque geralmente os evangélicos falam que ser cigano não é de Deus. E eu acho que não é, sendo que é filho de Deus”*. Por conta disso, casualmente, Nina compartilha com vários não-ciganos a curiosidade *“de saber de onde é que vêm os ciganos. A origem dos ciganos. Eu tenho vontade de perguntar...”*.

Dissonâncias não se limitam a sua relação com sua madrasta e com seu pastor, mas também com seu marido que, se por um lado é retratado por Nina como sendo um *“ótimo esposo”*, por outro é uma pessoa que lhe causou uma mágoa profunda e ainda não resolvida, a respeito do qual ela só veio tomar conhecimento cerca de um ano após sua conversão.

“Aí, um dia, eu só tenho uma mágoa do meu marido que, foi um dia, chegou um rapaz, veio uns fotógrafos do Rio de Janeiro - por isso que hoje eu agarro as minhas oportunidades -, veio um fotógrafo do Rio de Janeiro, né? E aquele fotógrafo queria me levar pro Rio de Janeiro pra fazer umas fotos lá, que eu passava prum book. Se ele gostasse de mim ele ia me botar pra desfilhar nas lojas. Meu esposo me falou, se eu fosse tinha que escolher entre eles e ele. Eu peguei e escolhi meu esposo. Depois, só que eu não sabia que meu esposo já tava me traindo com outra mulher, eu não sabia. Depois de dez anos de casada eu descobri que ele tinha uma filha. Aquela época que ele não deixou eu ir pro desfile, ele já tava me traindo com essa mulher. E ele teve uma filha com essa mulher. E mais ainda, você sabe que dia que a menina nasceu? A menina nasceu no dia de meu casamento. Eu casei dia 29 de junho às 7 e meia da noite, e enquanto eu casava a menina dele nascia. (...) Ele me traiu quando a gente ainda tava noivo. No mês que nós marcamos o casamento, a outra mulher já tava com nove meses de gravidez. Então, o que hoje eu não consigo concordar e aceitar isso dele, eu não aceito isso... (...) As outras pessoas sabiam, mas ninguém

tinha coragem de chegar pra ele [seu pai] e contar pra ele. O que favorecia Roberto era isso: as pessoas tinham medo de contar pra ele o que tava acontecendo, com medo dele atirar, dele não acreditar, as pessoas tinham medo...”.

Como ilustra a seguinte situação, outras diferenças deixam-se entrever no cotidiano de Nina e seu marido.

“Aí, tem um vídeo que eu gosto muito de ver pra ir pra igreja aquele DVD ‘A Voz da Verdade’, sabe? Amo aquele DVD, ‘A Voz da Verdade’. Aí, muitas vezes eu falava pra Roberto assim - ele me deu esse DVD de presente, [e] ele quis criticar a vaidade das mulheres no DVD -, eu falei, ‘Roberto, a coisa mais difícil é você tirar a vaidade da mulher. Se um dia você fizer isso (...) e você quiser acabar com isso, já era, sua Igreja vai ficar vazia, porque não tem jeito’. Às vezes, eu tô assim..., eu sou doente por perfume da Boticário. Eu só uso esse perfume, só ele, porque esse aí é o bala, eu só uso ele (...). É eu e o Santiago, só usa perfume...”.

Santiago, seu primeiro filho, hoje com 17 anos, a propósito, é retratado por Nina como tendo um charme semelhante ao de seu avô, que é por ele chamado de “*Pai-2*”- o que dá uma idéia da proximidade afetiva entre ambos. Devido ao charme de seu pai, sua madrasta também tinha muito ciúmes a ponto de haverem tido várias discussões. Contudo, explica Nina,

“ela começou a se acostumar. E ele era um senhor assim baixinho, gordo... Aí, a mulherada caía matando em cima dele. Ele tinha um charme, o jeito dele, que a mulherada caía matando. Sabe? *O charme era dele*, ele tinha aquele charme. E esse é um detalhe que eu tinha muito orgulho do meu pai. E outro orgulho que eu tinha do meu pai muito grande era que *tudo que ele pensava em fazer deu pra funcionar bem*. Ele tentava. Um dia, deu pra conseguir comprar um carro importado. Ele pensava sempre coisas boas. Ele sempre pensava em coisas boas. Ele já perdeu meu filho num lago, achou de novo. Achou meu filho com vida. Ele dentro da água colocou meu filho dentro das costas dele. Meu filho escorregou. Aí, ele pegou o revólver e falou, ‘Ninguém entra dentro desse lago enquanto eu não achar meu neto!’. Porque se ficasse circulando podia pisar e meu filho foi achado com vida, graças à Deus. Meu pai que achou ele”.

Perder e reencontrar, idas e vindas, tanto na vida de seu pai quanto em sua própria dão-se de modo cíclico, não obstante, irregular; discontinuidades e rearticulações que se precipitam seja na infância ou se espreitam no âmbito dos *negócios* que fazem na vida adulta, mas com as quais, de uma forma ou de outra, ambos se deparam e precisam lidar em quaisquer momentos de suas vidas.

“*Meu pai, (...) ele tinha uma convicção igual a minha. Meu pai hoje, ele era cheio de carro. Daí, em um mês, meu pai quebrava. Meu pai pegava, levantava de novo. Ele falia. Bem em pouquinho, meu pai ficava rico de novo*”. Nina espelha-se, identifica-se, encontra parte de seu pai em si, seu destino e recusa.

“E pai, bem na hora que ele tava bem de vida, pai quebrava, sabe? E eu acho que eu puxei isso dele: quando eu penso que tá tudo bem, que vai tudo caminhando bem, alguma coisa... Eu não sei porquê. Dá aquela impressão assim: eu tava tudo bem, tudo bem, teve que vir um impecilho. Impecilho que é a realidade. (...) Mas, eu sou o tipo de mulher (...) que eu não paro no meio do mar. Eu quero continuar para ver no que vai dar. Se não der certo, não foi porque eu não tentei, foi porque teve que acontecer”.

Quando as coisas davam errado,

“quando tudo acabava de novo, ele falava em se matar, ele falava que não ia aguentar, porque o meu pai não aguentava ficar sem carro, ele não agüentava... Dava aquele chapelão, ouro... Ele tinha uma imagem de Nossa Senhora Aparecida desse tamanho assim ó... Ela chegava a ser vermelha de tanto ouro... E, incrível, ele já entrou dentro de um bairro dentro de São Paulo com aquele ouro e ninguém roubava ele”.

Para superar as dificuldades de sua vida, “... só mesmo a força que Deus me dá, e o que meu pai me ensinou”, resume Nina.

Transitando entre sua força e suas fraquezas, Nina reconhece o valor de seu pai também naquilo que ela aprende dele e com ele.

“(…) O meu pai era um homem de verdade, então eu aprendi a ser alguém de verdade, eu aprendi a ir atrás dos meus objetivos, sabe? Então, eu aprendi a ir atrás deles, *por causa dele*. Meu pai ele

falava pra mim que... eu tinha um restaurante e ele visitou o restaurante. Aí, ele pegou e falou que eu ia ganhar dinheiro naquilo. Ele chorava quando me via passando dificuldade. Ele chorava. E hoje eu penso, quando eu lembro que muitas vezes, pra você ter noção, quando ele ficou internado, a minha irmã ficou internado no quarto em frente. Ficou os dois internados, no mesmo dia. (...) A Priscila, a *chavin*, deu um problema de sangramento. Aí, ela pegou e ficou nesse quarto por um tempo. Aí, dentro desse quarto, quando meu pai chegou procurando minha irmã, diz ele que *minha mãe* tava lá dentro. Diz ele que minha mãe pegou e falou pra ele que era pra ele cuidar da Priscila, que não era daquela vez que ela ia”. Apenas seu pai era quem via sua mãe e quem com ela conversava, *em silêncio, quando se encontrava distante dos outros*. Pergunto-lhe, então, se sua irmã não estava com medo. “Não, minha irmã é muito corajosa, ela é muito corajosa. A medrosa lá de casa sou eu, minha irmã é muito corajosa, ela é muito corajosa mesmo”.

Depois que seu terceiro filho veio ao mundo, quando Nina “(...) *já tava com a idade de adulta - porque meu pai não explicava nada pra gente; ele só começou a explicar as coisas da vida pra gente depois que a gente casou*”, seu pai contou-lhe a história da despedida de sua mãe. Neste mesmo ano, seu pai previu que iria morrer, mas continuava “muito trabalhador” em seu dia-a-dia: “*Meu pai, mesmo doente, ele levantava às 5 horas da manhã e ia trabalhar. Mesmo doente. Ele, mesmo doente, ele segurava as nossas barra, sabe? Mesmo doente, tadinho... Ele, ele chegava pra conversar comigo assim... E ele sempre tinha uma palavra pra falar com a gente, sabe?*”. Também por essa época, seu pai começou a lhe chamar de “*papai*”.

“Ele... ele falava pra mim assim... E, aí, eu chegava perto dele, beijava ele. Aí, às vezes... sentia aquela saudade um do outro, né? Eu ligava pra ele e falava, ‘pai, eu tô com uma vontade de ver o senhor, pai?’. Aí, ele falava comigo assim, ‘ô, minha filha, eu não tô com condições de ir aí não...’. Aí, às vezes, eu deixava de pagar o aluguel para ele poder vir no carro dele me ver e o neto dele [Santiago]. Ver eu e esse neto dele. (...)”.

Como parte de sua despedida, seu pai planejou juntar todos os seus filhos na ocasião de seu aniversário, que era a festa que, como relata Nina, mais gostava de festejar.

“(...) Ele falou pra mim, ‘Nina, eu quero todos os meus filhos aqui, porque é o meu último aniversário’. Eu falei, ‘Th, pai, deixa de bobeira, não é não...’. Ele falou, ‘Eu quero todo mundo, todos!’. Eu falei, ‘Eu vou olhar direitinho, porque minhas condições..., não tão boa pra mim pra tá partindo agora’. Aí, quando foi uma semana pra eu ir eu falei pro meu esposo, ‘Olha, eu tenho que ir no aniversário do meu pai!’. Aí, quando eu falei pra ele que eu tava indo pro aniversário dele ele ficou super alegre, sabe? Ele gostava muito daquela música que falava ‘Coração Cigano’”.

Essa canção evoca outras. “*Tem uma música que ele gostava muito que fala assim: ‘Fui num baile em Assunción, Capital do Paraguai, onde vi as paraguaias sorridentes a bailar, eee eee...’. Cê já ouviu? (...) É lindo essa música... [e continua a cantá-la]*”. A música que seu pai gostava transporta Nina para o momento do reencontro com seu pai, em sua festa de aniversário, num dia de maiores revelações.

“*Aí, quando eu cheguei lá, eu abracei ele, beijei ele. Ele nunca falou que amava os filhos, que ele não era de falar que amava os filhos. No dia do aniversário dele, ele me abraçou e falou assim, ‘paizinho, eu te amo muito!’.* *Foi o presente que ele deixou pra mim, foi esse, sabe? ‘Paizinho, te amo muito!’*”. E recorda-se novamente de sua presença quando se encontrava em dificuldades.

“Eu lembro quando eu tava (...), o menino assim mais novinho, eu dei um problema pós-operatório, aí ele quem cuidou de mim, o meu pai, foi ele quem cuidou de mim. E ele falava que via minha mãe perto da gente, sabe? Ele falava que via perto da gente. E sempre que a gente ficava doente, ele viu a nossa mãe cuidando da gente”.

“Incrível.. Meu pai, nós dois sentíamos quando um tinha saudade do outro. No ano que ele faleceu, ele teve na minha casa. Ele ficou uma semana na minha casa. Ele ia fazer uma cirurgia. Aí, ele falou assim: ‘Filha, ó, o pai não vai voltar mais não’. Eu lhe falei, ‘Ó, pai, deixa de bobeira!’, ‘Eu não vou voltar mais’. Aí, ele veio em casa, foi embora, e lá ele foi pro hospital. Passado uns dois meses depois que ele foi pra minha casa, ele foi pro hospital. Aí, no dia que ele foi pro hospital, eu fui no local que meu marido trabalhava, e do nada eu senti vontade de falar com meu pai, eu disse, ‘Eu quero falar com

meu pai, eu tô com uma saudade do meu pai...`. Aí, eu liguei. Quando eu liguei pro meu pai, ele tava dentro da ambulância que tava levando ele pro hospital. Aí, eu falei com minha madrasta assim, `Mãe, pai tá aí?', `O seu pai tá no hospital, o seu pai tá dentro da ambulância tá sendo levado pro hospital!`. Ele se despediu da casa dele todinha, todinha, porque ele falou que não ía voltar mais. Aí, eu peguei o telefone e falei assim, `pai?`. Ele falou, `oi?`. Eu falei, `pai, como é que o senhor tá?`. Ele falou, `eu tô indo enfrentar a morte`. Eu falei, `Não, pai, o senhor vai ficar bem`, `Não vou ficar bem, não volto mais`. E, realmente, ele não voltou mais com vida”.

II. O morto regente e a orquestra dos vivos

“(...) O que me dói é isso [: que ele havia sentido medo no momento de sua morte e que ela não estava ali, diretamente em sua presença, justo naquela hora]. Mas, eu não cheguei a ver o meu pai internado, não. Eu não cheguei não. Quando eu fui ver o meu pai ele já tava morto, `que a viagem foi muito longe. (...) Eu tava morando ali naquela cidade, embora eu tô morando hoje de novo. Aí, eu tinha que ir pra lá. Aí, eu pedi pro meu esposo pra me levar. Quando nós chegamos no hospital, deu duas horas e ele faleceu. Mas, aí, eu não vi ele. Eles não deixaram eu ver ele. Aí, veio a falecer. Quando eles levaram o corpo dele lá pra casa dele, pra fazer o velório, que eu vi o meu pai daquele jeito, que eu não aguen... Aí, eu fiquei... bôa a noite toda... A minha irmã mais velha deu amnésia. (...) E, quando meu pai faleceu, eu pensava, assim, que eu não ía aguentar. (...) Se eu pudesse voltar atrás e nunca ter feito o meu pai sofrer, eu faria (...), porque na hora que ele precisou (...) eu não tava perto dele, eu morava longe (...)”.

Seus outros irmãos também vivem em outras cidades mineiras que não em V. No entanto, de todos os seus irmãos, a única que ficou na cidade de onde a família vem, isto é, aonde seu pai residia, e que, por isso, chegou ao hospital mais cedo do que os demais, foi sua irmã mais velha, a Priscila. Porém, também ela não pode estar presente com ele, ao seu lado, “*na hora que ele faleceu*”. Nina recorda, “*não tinha ninguém perto, não...*”, já que isso não foi permitido no hospital.

“Quando ele faleceu, (...) eu não acreditei... Pra mim foi... É uma dor que eu senti que... que eu não sei explicar qual foi a dor que eu senti do meu pai, sabe? Eu não sei. Também hoje eu não sei o que acontece, porque se você chegar e falar assim, ‘Nina, você tá bem?’, eu vou dizer, ‘ô, eu tô bem, no meu salão’. Mas, sabe como é que vem de origem que você tem, e que você quer tentar ter mais?”.

Na época, com 13 anos de idade, Santiago também estava no enterro e passou mal. *“Meu menino ficou muito revoltado quando ele morreu. Muito... Às vezes, assim, me dói, me machuca, porque se eu penso assim que eu tive tanta chance de ficar perto dele...”*.

Muitas mais pessoas do que os esperados compareceram ao enterro de seu pai, sempre descrito por Nina como *“um homem muito alegre”, “festeiro” e “charmanté”*. Toda a cidade estava lá. *“Meu pai tinha muito amigo. Assim, com os políticos... pessoas assim... bem graduados, sabe? Tava os políticos lá. (...). E nós já pensamos que no velório dele quase não ia ter ninguém... Nós pensava que quase não ia ter ninguém. E teve. Teve de fazer fila para ver o pai”*.

O corpo de seu pai estava bem cuidado. Ele *“tava muito bonito. Ele tava lindo. Muito bem arrumado. Ele não mudou nada. Nada, nada, nada, nada... (...) Eu vou falar pra você, eu tinha orgulho de falar pra ele que eu amava ele, que ele era o meu pai. Quando ele falava, ‘minha filha...’, sabe? Eu tinha orgulho”*.

“Quando eles chegaram com meu pai, (...) que nós fomo ver ele, eu gritei muito, que eu só gritava. Aí, a minha irmã mais velha deu amnésia. A minha irmã mais velha arrumô churrasco, o lanche do velório, porque meu pai não era um homem triste: meu pai era um homem alegre. Aí, eu chegava perto dele assim, sabe, e falava com ele, eu falava com ele, e quando eu vi meu pai naquela situação... (...) Eu tenho mania de chupar dedo, até hoje, e eu chupo dedo quase por ele assim, então, quem cortava minha orelha pra mim era ele, eu chupava o meu dedo e ele cortava a minha orelha, eu ficava de um lado e meu filho [Santiago] do outro. Aí, quando eu vi aquilo ali, quando eu fiquei sozinha com ele na sala que eu vi..., eu queria um momento sozinha com ele. Aí, todo mundo dormiu, todo mundo... Aí, todo mundo ficou bem, todo mundo que passou mal durante o dia já começou, assim, a ficar melhor, e eu ali. Eu

não passei mal nem durante o dia, e nem à noite. Fiquei em paz. Mas, quando chegou no outro dia, que ele faleceu dia 3, quando chegou no outro, 4, (...) quando eu vi o meu pai naquela situação, que era o dia do sepultamento dele, aí, eu comecei a sentir amolecimento nas pernas. E não sentindo mais a pernas e também não os braços, eu comecei a perder o movimento. Eu fiquei sem movimento nas pernas, nos braços e perdi a fala, e eu não tinha movimento pra dar um abraço em ninguém. Eu não aguentava pegar um copo com água pra colocar na minha boca. Aí, eu peguei, e, meu marido cuidando de mim, que meu marido foi maravilhoso - um homem!; ele foi maravilhoso, sabe? -, e ele cuidou de mim, cuidou de minhas irmãs, e ele... Aí, na hora de tirar meu pai, eu caí. Aí, eles me pegaram e colocaram na cama. Aí, eu fazendo de tudo pra levantar pra ir pro sepultamento. Mas, quando eu consegui levantar, aí eles tavam passando com meu pai, pra levar. E aí, eu gritei. Dizem que eu gritava muito. Eu não lembro. Mas, dizem que eu gritava pra ele voltar, que eu amava ele muito. Aí, começou a me dar uma dor forte no peito...”

“Depois do sepultamento dele, nós ligamos o carro dele, ligamos o som do carro dele e colocamos a fita que ele gostava, que ele gostava muito... Nós gostava do carro dele”. Apenas algum tempo depois do enterro que Nina descobre que a coberta que seu pai levava no carro era de sua mãe legítima. Até então, “Ninguém sabia. Só ele e minha madastra, sabe?”.

Após o enterro, Priscila, que como seu pai, é capaz de *“bota[r] a fala [chibi] todinha dentro da palavra (...)”*, continuou a morar na barraca em que já residia antes, perto da casa de seu pai, e que havia sido construída por ele para que os filhos a pudessem utilizar nas situações difíceis. *“Ele construiu aquela casa [a barraca] porque ele nunca aceitou que os filhos dele pagassem aluguel. Nunca. Então, ele construiu aquela casa pra quando os filbos dele passassem dificuldade, nós ficasse naquele barraco. Pra os filbos nunca pagar aluguel”*. E os demais irmãos e irmãs retornaram para suas respectivas residências. Nina, porém, resolveu ir morar perto do túmulo de seu pai, ao lado do cemitério, o que conseguiu fazer com a ajuda e suporte de seu esposo.

“Quando ele faleceu, eu entrei em depressão. Aí, vendi tudo o que tinha e fui embora pro Campo Santo. Aí, lá eu comprei uma casinha, meu esposo comprou a casa. Aí, vendo que a casa ficava de frente pro túmulo que ele tava, todo dia eu ficava olhando. Todo dia eu tinha de ir no cemitério, todo dia... (...)”.

Além disso, Nina reteve alguns objetos pessoais de seu pai, até os dias de hoje, guardados com cuidado, isto é, com respeito. Entre outros, “*eu tenho esse chapéu, esse chapéu tem um fiozinho de cabelo dele*”. Também

“o sapato, o sapato que ele usava pra ir pra roça, ainda tá sujo com bosta de boi ainda. Sabe, as fezes do boi, ainda tá lá no sapato ainda. As fezes tá lá. Eu coloquei dentro umas quatro sacolas. Tudo junto (...) porque se eu separar não era o meu pai, né? É... Tem um detalhe que o tênis que ele matava boi, eu só consegui de um pé. O outro pé ficou em I. (...) O outro pé dele sumiu, sumiu. Então, eu só fiquei com um. Eu só fiquei com um pé. Aí, às vezes, quando eu tô com muita vontade, assim, de sentir o meu pai, eu fecho os olhos, sabe? Eu fecho os olhos bem lento, bem lento, e pego meu nariz e boto dentro do sapato dele, respiro fundo. Mas, machuca muito, aí... Machuca muito, dói muito. Aí, me dá uma tonteira, quando eu coloco o pé assim dentro do sapato dele, sabe? Ai...”.

Em consonância com o luto de Nina - porém, do seu próprio jeito -, seu meio irmão também trabalha sua dor convertendo os laços diretos entre ele e seu pai, e de mais ninguém, no que esses laços possuem de singular, em sua nova condição existencial.

“Meu irmão, ele emprestou a meu pai um dinheiro, 3 mil R\$, e falou pro meu pai assim que ‘dia 3 de dezembro, quando dá 10 horas da manhã’, ele tava dentro do banco pra cobrar o dinheiro. Dia 3 ele tava velando meu pai. E o cheque que meu pai devia a ele tá numa moldura no apartamento dele lá em B. O cheque que meu pai devia a ele. Meu pai devia a ele 3, ele gastou 8 mil R\$ no velório do meu pai. Tá numa moldura na parede, por causa da assinatura do meu pai, né? Meu pai nunca foi numa escola e meu pai sabia ler e escrever. E eu nunca ensinei a ele não... Nenhuma das filhas dele nunca ensinou a fazer uma conta...”.

Nina também conduz seu trabalho de luto por meio de uma abstinência seletiva, praticada de acordo com as lembranças que possui de seu pai. Ela proibiu a si mesma certos pratos – aqueles de seu pai, e de sua relação com ele.

“Eu deixei de fazer feijoada. Eu, hoje, eu deixei de fazer... meu pai gostava muito, assim, de fazer a carne moída, e pegar o feijão inteiro, só a farófa do feijão e fazer um, um, um... meu pai gostava muito de ´esquentadinho` : arroz com feijão e a carne moída, bem oleoso, sabe? Ele amava. Eu deixei de fazer isso, eu não gosto, não gosto, de fazer isso. De jeito maneira, eu não gosto de fazer mais. E não gosto de fazer a feijoada ...E sorvete, ele gostava muito de sorvete. Eu não gosto de jeito nenhum... Pode tá o calor que for, você não me vê tomar sorvete. Não gosto. E ele amava sorvete. E ele foi pro hospital tomando sorvete. Aí, eu tomei uma raiva de sorvete.... A única coisa que eu como até hoje que ele gostava demais era o ´bucha`, é a única coisa. E outra coisa que meu pai gostava muito, meu pai falava, era ´mingulinho`. ´Mingulinho` é uma comida molinha, sabe? Era uma sopa de mandioca, fazia o quiabo, ele só tomava o caldo, meu pai amava comida forte. Mocotó, meu pai, no café da manhã, ele tomava mói de mocotó. Meu pai amava mocotó, amava. (...) Meu pai era muito forte. Meu pai era diabético e não parecia”.

III. Reordenando o mundo; passagem para o lado de cá do espelho

Desde a perda de seu pai, Nina começou a sentir uma forte dor em seu peito que veio a se prolongar em demasia, uma vez que a integridade de seu pai – e, com isso, o “*nome da família*” – foi posta em risco com o comportamento da madrasta nos meses que se seguem a sua morte.

“E aquele dor continuou durante mais ou menos um ano. Desde que eu perdi o pai aquela dor ficou. Ficou aquela seqüela. Por que ficou? Porque depois de dois meses que meu pai faleceu, a minha madrasta arrumou um namorado. E numa família toda encabuluzada, com o nome todo respeitado, aí, rapidinho, o nome... Por causa dela ter arrumado um namorado. E hoje ela ainda convive com esse homem ainda, hoje ela vive com ele ainda. Hoje eu converso com ela, converso com ele,

entendeu? Só que eu não consigo ir na casa dela, ‘que ela mora com ele. Não me vejo indo lá. Pra mim, que eu moro de pensão, acho que é uma traição a meu pai, sabe? E quando eu chego na casa de meu pai que eu não vejo as roupas dele em cima da cômoda, pra mim aquilo ali é um... Eu não sei te explicar, eu não sei te passar pra você o que eu sinto por meu pai até hoje, eu não sei te passar o que é, porque eu tenho, assim, eu tenho muita falta do meu pai, tenho muita falta mesmo, muita, muita, muita mesmo...’.

Com o tempo, Nina voltou a fazer um prato do qual se absteve. *“Eu não fazia muqueca de peixe, que o prato predileto dele era muqueca... Ix, meu pai brigava com um por causa de peixe... Hoje eu voltei a fazer a muqueca. Mas, toda vez que eu faço a muqueca que eu lembro dele, eu perco a vontade de fazer a muqueca. (...)”*. Também não conseguia mais residir próximo ao túmulo de seu pai. Terminou, por isso, retornando para Fronteira, onde havia morado antes de sua morte e onde se encontra hoje em dia. Mas, sempre que ela vai em V., visita o túmulo. *“Eu acho que se não for lá pedir benção a ele... Só que eu não consigo chegar perto do túmulo. Eu tenho medo, eu não consigo chegar perto... (...) Eu tenho medo... Eu tenho medo de ver... Eu tenho medo de ver a realidade, sabe? Eu tenho medo de ver a realidade... chegar lá e saber que é meu pai”*.

Ao mesmo tempo, sua angústia se expressa em sonho. E sonho, para Nina, é um amálgama. Significa meio de comunicação, espelho, oráculo... Sobretudo, porém, um meio oportuno de reflexão através do qual trabalha sua perda e reorganiza seu mundo.

“Quando eu sonho com ele, quando eu sonho com isso tudo, e ele não mexe com os lábios, aquilo me dá um nervoso muito grande. Minha cabeça dói muito. Dói muito. (...) Eu não sei o porquê que em mim é diferente. Eu não sei. Eu não sei te explicar o porquê, e aí eu passei a vida toda... confiando que eu sempre tive o meu pai, que fulano não fazia nada comigo porque eu tinha o meu pai, deltrano não gritava comigo porque eu tinha o meu pai... Então, eu passei a minha vida inteira - tem o quê? -, 4 anos que meu pai faleceu, eu tenho 35 anos, eu tô... - eu tinha quantos anos? -, trinta e um anos de idade protegida pelo meu pai. Até 31 anos de idade eu era uma criança. (...) E depois de 31

anos é que eu tô crescendo, que eu tô amadurecendo, sabe? Eu passei a minha vida inteira tendo dó de mim mesma. E isso é horrível. Eu não aconselho ninguém...”.

Como Nina deixa claro em várias partes de sua narrativa, não se trata unicamente do “*medo de ver a realidade*”, mas também da sensação/sentimento constante da presença inseparável de seu pai, apesar de sua morte, tanto enquanto um ser autônomo exterior quanto como parte de si mesma; uma extensão de si, sem que isso implique necessariamente em ambigüidade ou, ao menos, em uma ambigüidade que precise ser resolvida. A dor expressa por Nina como incomparável, intraduzível e incomunicável é única como seu próprio pai é único: “*Meu pai se chama Mervaldo Siqueira. Meu pai não tem xará. O único xará que ele teve foi o filho [seu meio-irmão], que ele botou o nome de Mervaldo Filho. Foi o único. Mas, xará mesmo ele não tem*”. E, para Nina, não ter xará “*é legal, que fica só um. (...) Se eu tivesse outro filho homem, eu ia chamar de Mervaldo, ele ia chamar Mervaldo. E se fosse mulher ia chamar Marilda, que é o nome da minha mãe. Só que... eles falam que não é bom colocar nome assim, né? Os ciganos sempre falam que não é bom colocar nome de quem já faleceu. Mas, acho que é a tradição hoje do povo, né?*”. Além de não ter xará, Nina, por *respeito*, o evoca no presente, onde ele sempre se encontra.

“(...) Tu notou que eu não falo ‘meu pai` no passado? Você notou isso? Eu não falo que ‘meu pai gostava`, eu não falo que ‘meu pai morava`. Eu não gosto de falar no passado, dele. Assim... Eu não gosto de falar que ele tá no passado, eu gosto de falar que ele tá aqui comigo, (...) que eu nunca gostei de falar que ele morreu... *Eu sempre sinto ele perto de mim*, sabe? Ele sabe quando me acontece alguma coisa, ele sabe. Ele sabe de meus planos, sabe de meus sonhos. (...) Eu, no meu caso, assim, eu penso assim, hoje, eu penso assim que seria mais fácil pras minhas coisas se ele tivesse vivo. Mas se você me perguntasse pra mim assim, ‘seu pai concordaria de você ficar viajando?’, ele não concordaria, não. Porque ele é muito rígido. (...)”.

Se, por um lado, com a perda de seu pai, Nina vê-se, por assim dizer, exposta a um mundo desconhecido, sem a proteção paterna com a qual sempre pode contar, e sem poder confiar

inteiramente naquelas pessoas que lhe são mais próximas (seu pastor, seus irmãos, sua madrasta, seu marido...), por outro, ela experencia uma metamorfose de si mesma conjugada a uma transformação da forma como o mundo se lhe mostra. “*Já me submeti muito, muito (...). Porque eu era uma pessoa que eu nunca tive opinião própria. Toda vida as pessoas que decidi minha vida por mim e isso é horrível. Só depois que meu pai faleceu que eu amadureci, que eu fui tomar minhas decisões, sabe? Se fosse há um tempo atrás, eu não taria aqui hoje sozinha [em outra cidade, num hotel, desacompanhada...]*”. No entanto, essa mudança de postura (seu amadurecer) não pode ocorrer sem maiores considerações: É necessário conciliá-la com o respeito ao morto. Não à toa que “*(...) várias vezes me bateu a vontade de chorar. Por causa que... [silêncio, reflexão]*”. E esta conciliação parece só poder ser alcançável para Nina se ela negocia com seu pai, morto. Um modo possível é tratá-lo como vivo em contraposição a todos os outros. Isto é, como contraponto a todos aqueles que não são próximos de seu pai, e/ou que se referem a ele como estando morto; e, nesse sentido de proximidade, talvez mesmo sua madrasta seja situada fora desse círculo composto pelos que respeitam seu pai, por aqueles que “*estão de sentimento*” por ele, como seu meio-irmão, sua irmã Priscila e seu filho mais velho, Santiago. Portanto, essa conciliação toma corpo por meio da maneira através da qual ela o evoca ao falar dele com respeito (isto é, assegurando sua moralidade, seu nome e assim por diante) (Koury, 2003).

Isso ocorre todo o tempo, em toda sua fala. “*Meu pai é tudo de bom, tudo de bom. Ele dá motivo pra nos orgulhar dele*”. A singularidade, integridade e moralidade de seu pai são mantidas, ainda que as palavras de Nina rompam com o invólucro de silêncio, encontrável entre ciganos, que, normalmente, assegura a proteção de seu pai, de seu morto. Contudo, este silêncio é, no mais das vezes, mais um atributo associado ao papel dos homens do que ao das mulheres. E mesmo quando há críticas de Nina a seu pai, elas são expostas de um modo que não fere a memória de seu pai; com determinado humor e, com frequência, seguidas ou antecipadas de elogios compensatórios. O que é decisivo - e que, talvez, seja o mais paradoxal desse trabalho de conciliação -

é o fato de ser seu pai quem desempenha o papel principal nele: Se, para Nina, seu pai era um impecilho à vida que redescobriu após sua perda, é justamente o ensinamento que ela tem dele que lhe permite, após sua morte, assumir o próprio destino:

“Quem é não passa. O que ficou em mim é esse gostar de fazer negócio. Eu gosto, eu gosto de mexer com vendas, né? (...) Quando eu consigo uma venda eu fico eufórica, eu fico alegre. Eu não vendo tanto pelo dinheiro, eu vendo pela parte de vender, sabe? É tipo assim, quando você fuma, tá doido pra fumar um cigarro, você vai e fuma. Ou almoçar. Você tá doido pra almoçar, aí quando você consegue que come aquele prato de comida gostoso...”

E sua postura desdobra-se em sua relação perante outros agentes/sujeitos pertencentes ao seu mundo. Assim como seu pai trata de pôr todo seu mundo em ordem antes de morrer (previu e anunciou sua morte, despediu-se; assinou o cheque, repassou sua propriedade, falecendo pobre; demonstrou seus sentimentos e respeito perante aqueles que lhe são caros, chorou e etc.), Nina dá continuidade a esse rearranjo atualizando suas relações. Nina reconciliou-se com sua madrastra, mas não a visita pessoalmente, mesmo quando vai a V., sua cidade natal, onde ela vive. Apesar de ter perdoado seu marido, ela até hoje não consegue lidar com o fato dele ter uma filha fora do casamento e tem pensado em pedir divórcio. Já com relação a sua igreja, Nina utiliza-se dela para estar, convenientemente, mais perto de Deus, ao mesmo tempo em que, por vezes, a negligencia suas orientações e a ignora como intermediária.

Recordo Nina de que ela, na noite anterior, havia comentado que haviam certas coisas que o pastor não gostava como, por exemplo, o fato dela levar dentro da bíblia uma fotografia de seu pai. *“É porque ele falava pra mim que eu idolatrava meu pai. Porque eu tenho a foto dele na minha bíblia, eu tenho a foto dele na minha arca de louvar, eu tenho a foto dele na minha casa, eu tenho a foto dele no meu salão. Sabe? Ainda tenho que passar uma foto dele pro meu celular”.* Mostra-me seu celular bastante enfeitado (por ex., com um adesivo de “N”). *“Pois é, tenho de passar uma foto pro celular...”*

É, novamente, por meio de um sonho que Nina lê e verifica o rumo de seus próprios passos, para averiguar se está no caminho certo; isto é, se seu trabalho de luto está sendo devidamente conduzido de modo apropriado, ou não.

“Um dia eu tive um sonho com minha irmã, ele [seu pai] mandando eu tomar conta da minha irmã. No fundo da casa da minha irmã, passa um rio, o encontro dos rios. Você já viu o encontro dos rios, você já viu? (...) E isso aqui ó, nesse cruzamento aqui assim, se você que não sabe nadar, cair aqui já era, porque aqui é super fundo. Então, nesse dia, eu viajei a noite todinha, porque eu tive esse sonho pra eu poder ir pra I. E meu esposo falou assim comigo, ‘Nina, eu não posso te mandar agora, porque eu não tô em condições de mandar você pra lá agora...’, ‘mas eu preciso ir, eu preciso’. Sonhei com a mãe, sonhei com o pai, e ela disse também que era pra mim ir que a Priscila tava precisando. Quando eu cheguei lá... - eu saí de casa 8 hs da manhã, cheguei em I. 6 hs da noite -, quando eu cheguei na casa da minha irmã, a minha irmã tava pra se atirar nesse encontro do rio. Aí, eu gritei..., há pouco tempo, né? Aí, ela tava em depressão. Ela ía se suicidar, ela ía se suicidar. Ela ía se atirar no rio, aí quando ela ouviu a minha voz, aí que ela veio a meu encontro. (...) A minha mãe, o meu pai mandando eu cuidar dela, mandando eu cuidar dela”.

Epílogo

Seu pai tinha uma relação muito boa com todos os seus netos – era “*uma benção*”. Mas, ele sempre teve uma ligação especial com o filho mais velho de Nina, com “*o mais brabo*”. Santiago “*era a vida dele*”. E acrescenta,

“O cigano, ele tem, assim, um ser que, eu acredito, quando você bate o olho você já identifica. É igual o evangélico: quando você bate o olho, você já identifica. (...) Parece que... já ouviu falar sobre química? Parece que há uma química, sabe? Quando olha assim, bate e identifica. É algo assim que você não sabe explicar. Meu menino, o cigano vão ver o meu menino e falam que ele é neto de cigano”.

O neto era a vida do avô, o avô é a vida do neto.

Ao perguntar se seu filho fala muito de seu pai, Nina explica-me que Santiago

“fala, fala muito, fala ‘Pai-2’ (...) [Mas], ele nunca foi de falar... do velório. Ele não fala do meu pai morto, ele fala do meu pai vivo. Mas, ele andou muito violento. Com a morte do pai. Ficou muito violento. (...) Ele já sentiu meu pai, ele chegou perto de mim, doidinho, arrepiadinho, ele já sentiu o meu pai perto dele. Ele falou, ‘Mãe! Eu tô sentindo o Pai-2 perto de mim!’, ‘É? Tá meu filho?’, ‘Tô, mãe!... Cara! O que é isso que tá acontecendo comigo?!? Mãe, o Pai-2, mãe, o Pai-2! Ó, que eu tô vendo...’, sabe? (...) Ele sofre muito, muito, muito...”

Noutra vez,

“ele falou pra mim assim: ‘Ó, mãe, eu tô com tanta saudade do meu Pai-2 que chega tá doendo meu coração’. Aí, quando eu fui olhar o coraçãozinho dele tava assim, ó... Quando ele fala ‘Meu pai’, ele dá palpitação no coração, sabe? Aí, eu vou, carinho ele, beijo... Pra eu tá aqui hoje eu tive que carinhar ele muito, pra eu tá aqui hoje tive que... porque ele ficou muito machista, sabe?”

Tal como seu avô e sua mãe,

“Ele ama cordão, ama pulseira, ama anel. Puxou a mim e a meu pai. (...) Ele é bem cigano mesmo, até o jeito dele mesmo você vai ver. Ele é bem assim, aquele menino, aquele jovem que gosta de músicas ciganas. Ele não gosta de rock, ele só gosta de música sertaneja. (...) Esses dias, o Roberto pegou o Santiago, porque eu não durmo enquanto *meu pai* [Santiago] não chega... Só que meu filho é assim, eu não sei o que é que tem nele, meu pai parece que tinha ímã com o muleque, parece que tinha íma. O meu pai já era um senhor de 53 anos, baixinho, gordo... Menina nova e tudo sempre dava cantada no meu pai. Eu olhava assim, e dizia ‘Gente!?!?’. Meu pai era lindo, lindo! Meu pai, por ser descendente de cigano e índio, meu pai, os dentes dele era tudo cerrado, assim, ó. Não tinha um dente torto! Você olhava pra ele, era tudo certinho... (...) Eu dizia, ‘Gente qu’ê que pai tem?’ Só andava de carrão, só ouro. Tinha uma lábria pra mulher que Deus que me perdoe... Que diabo que vai pegar uma mulher véi, coroa?! Santiago, não dou conta de comprar camisinha pro Santiago. E todo dia eu vou lá no quarto dele, eu

bato na janela, na porta do quarto dele, e digo, ‘Assopra aí pra me ver...’ [para saber se Santiago andou bebendo]”.

“Santiago, foi que dia? Faz uns três meses que eu bati no Santiago. Eu peguei ele, ele foi tentar se abaixar pra me bater, eu falei, ‘Vai apanhar!’, ‘Ah, você não vai fazer isso comigo, não! Pai-2 tivesse aqui, você não faria isso, não!’. Aí, eu dei um tapa na cara dele. *Aí, foi que ele chorou* [e disse:] ‘Vou ter que tá com a intimidade do pai, vou ter que ser bravo igual ao meu pai!’, ‘Não, filho, você não pode ser assim’. Ele chorou por causa do tapa na cara. Ele olhou dentro do meu olho e falou assim, ‘Mãe, *foi o primeiro e último tapa na cara que eu tomo!* Eu vou ser um homem! E um dia eu vou falar: Eu sou homem porque minha mãe me bateu na minha cara! Eu não esperava isso da senhora, não esperava’. Ele falou assim, ‘Eu apanhei na minha cara, foi da minha mãe! Mas, eu vou tomar uma atitude de homem, que eu nunca mais vou apanhar na minha cara. Eu tô aceitando porque é da senhora!’. Sabe porquê que eu bati? Na verdade, eu bati porque, depois que meu pai faleceu, ele começou a querer beber. E aí, o dia que ele chegou em casa com cheiro de álcool, eu desmaiei, e eu não aguentei dormir com esse cheiro. Então, no repente, eu bati na cara dele. *Ele é muito parecido com o meu pai. Ele quer dar continuidade ao que meu pai fazia, porque é Deus no céu e meu pai na terra pra Santiago*”.

Leipzig, Julho de 2011

Bibliografia

- BOSI, Ecléa. 1999 [1973] *Memória e Sociedade. Lembranças de velhos*. 7º Ed. São Paulo: Companhia das Letras.
- DUARTE, Luiz Fernando D. 1998. Pessoa e Dor no Ocidente. O “holismo metodológico” na antropologia da saúde e da doença. *Horizontes Antropológicos*. 9, Corpo, Doença e Saúde. P. 13–28. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, UFRGS, IFCH.
- GAY y BLASCO, Paloma. 2010. The Fragility of Cosmopolitanism: A biographical approach. *Social Anthropology / Anthropologie Sociale*, 18, 4, p. 403-409. European Association of Social Anthropologists.

GAY y BLASCO, Paloma. 2005. Love, Suffering and Grief Among Spanish Gitanos. In: Milton, Kay & Svasek, Maruska (Orgs.). *Mixed Emotions. Anthropological Studies of Feeling*. Oxford & New York: Berg, p.163-178.

KOURY, Mauro G. P. 2003 *Sociologia da emoção. O Brasil urbano sob a ótica do luto*. Petrópolis: Vozes.

KOURY, Mauro G. P. 2005 *Amor e Dor. Ensaios em antropologia simbólica*. Recife: Edições Bagaço.

MAUSS, Marcel. 2003 [1923] Ensaio sobre a Dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. P. 185-318.

OKELY, Judith. (2003). Deterritorialised and Spatially Unbounded Cultures within Other Regime. In: *Anthropological Quarterly*, 76, 1: Academy Research Library. http://muse.jhu.edu/journals/anthropological_quarterly/v076/76.1okely.html

TAUBER, Elizabeth. 2006. Du wirst keinen Ehemann nehmen! Respekt, Bedeutung der Toten und Fluchtheirat bei den Sinti Estraixaria. *Forum Europäische Ethnologie*, Band 8. Berlin: Lit.

TAUBER, Elizabeth. 2008. “Do you remember the time we went begging and selling” – The ethnography of transformations in female economic activities and its narrative in the context of memory and respect among the Sinti in North Italy. In: Jacobs, Fabian & Ries, Johannes. *Roma-/Zigeunerulturen in neuen Perspektiven*. Leipzig: Leipziger Universitätsverlag. P. 155-176.

WILLIAMS, Patrick. 2003 [1993] *The Silence of the Living and the Voices of the Dead*. Tradução de Catherine Tihanyi. Chicago & Londres: The University of Chicago Press.

STRECK, Bernhard. 2003. La cultura del contraste. Sobre la diferencia y el sentido de pertenencia. El caso de los gitanos. *Revista de Antropología Social*, 12. Tradução de Rebecca Saiz & Constanza Jacques. Rioja, Espanha. 159-179.

TURNER, Victor W. (2008 [1963]) *The Ritual Process. Structure and anti-structure*. Londres & New Brunswick: Aldine Transaction.



Abstract: The present text drafts a portrayal of a possible Gypsy woman. Through her narratives about her life's history and, in particular, about her experience towards a lost, one searches to trace a proximity to a specific character situating her as part of a sociocultural universe within which she finds itself immerse. With that, one looks as well to express certain enclaves of this universe and some of its key-tensions through the effort to conform a "personal biography". To do so, this portrayal is composed of a rearrangement and contextualization of the words and sentences which the character uses to express her memories, projecting a reflection about her and actualizing her auto-image simultaneously. This auto-image remains indissociable of her remembrances and sentiments which bond her to her father, already dead - once his death, her sentiments and efforts to deal with this lost are central in her construction's work of self. However, it is only through an adequate reference to her father that it becomes possible to her to construct herself as a person, and as a Gypsy person. This does not occur without frictions and ambiguities emerged in context of her relationships with other persons and institutions which belong to worlds which sometimes fall in conflict against each other in order to preserve their own boundaries, although they are oft not only meshed in but also part of each other. **Keywords:** Brazilian Gypsy woman, lost/death, sentiment, person

